

O VESTIDO COMO ARTEFATO SIMBÓLICO NO CONSUMO RITUALÍSTICO DO BAILE DE DEBUTANTES

Dress as Symbolic Artifact in Ritualistic Consumption of the Debutante Ball

**Stéban, Stephanie Duarte; Msc.; Docente das Faculdades Integradas Libertas;
ste_duarte@hotmail.com¹**

Pépece, Olga Maria Coutinho; Dra.; Docente PPA/UEM; omcpepece@uem.br²

GIPEM – Grupo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Marketing

Resumo

Para ser caracterizado como experiência ritualística, é necessária a verificação de certos elementos: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição. Este estudo tem como objetivo compreender a relação do vestido, como artefato simbólico, no consumo ritualístico do baile de debutantes, ou como é mais conhecido no Brasil, a festa de 15 anos.

Palavras Chave: Ritual. Consumo. Cultura. Baile de debutantes. Vestido.

Substract

To be characterized as ritualistic experience, it is necessary the verification of certain elements: symbolic artifacts, script, 1gente roles, audience (audience) and repetition. Thus, this study aims to understand the relationship of the dress, as symbolic artifact, in ritualistic consumption of the debutante ball, or as it is known in Brazil, the party of 15 years.

Keywords: Ritual. Consumption. Culture. Debutante ball. Dress.

¹ Mestre em Administração na Linha de Empreendedorismo e Mercado do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá. Professora das Faculdades Integradas Libertas.

² Doutora em Administração na Linha de Estratégia de Marketing e Comportamento do Consumidor. Professora do Departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá e do Programa de Pós Graduação Mestrado e Doutorado do PPA.

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa o consumo ritualístico, chamado de baile de debutantes ou como é mais conhecido no Brasil, a festa de 15 anos. O ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual (MCCRACKEN, 2007). Dessa forma, o ritual é uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem.

Para ser caracterizado como experiência ritualística, é necessária a verificação de certos elementos: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes, audiência (plateia) e repetição (ROOK, 2007). A partir desses elementos, objetivou-se compreender o baile de debutantes como ritual de consumo. Em especial, objetivou-se entender o vestido da debutante, como artefato simbólico, na festa de 15 anos.

Para tanto, foram utilizados como referencial teórico autores que tratam sobre ritual, como Victor Turner e Genep, entre outros, bem como autores que se dedicaram ao estudo de cultura e consumo como Rook, McCracken, Escalas, Sassatelli, Douglas & Isherwood, e outros.

Para o desenvolvimento deste artigo foi escolhida a metodologia qualitativa, motivada principalmente pela necessidade de investigar em profundidade a caracterização do baile de debutantes como consumo ritualístico a partir da identificação dos componentes caracterizadores de um ritual por meio da história oral de seis debutantes que foram entrevistadas em Maringá-PR e em São Sebastião do Paraíso-MG. A coleta de dados foi baseada nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Victor Turner (1974). Estes são: (1) Exegético, (2) Operacional e (3) Posicional. O primeiro nível foi abordado pela história oral, o segundo pela análise documental e o terceiro por meio da observação participante.

O artigo está dividido a seguir em seis seções. A primeira trata do consumo ritualístico do baile de debutantes, sendo seguida pela seção que trata do vestido como artefato simbólico. Na terceira seção está a metodologia. Após, virão a análise dos dados e os resultados e, então, as considerações finais. Por fim, estão as referências bibliográficas.

1 O CONSUMO RITUALÍSTICO DO BAILE DE DEBUTANTES

As sociedades humanas consomem para poderem se reproduzir física e socialmente, através da manipulação de artefatos e objetos da cultura material para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual (BARBOSA, 2010).

Nessa vertente, fica clara a intensidade da relação atual entre cultura e consumo. “Os bens de consumo nos quais o consumidor desperdiça tempo, atenção e renda são carregados de significado cultural. Os consumidores utilizam esse significado com propósitos totalmente culturais” (MCCRACKEN, 2007, p. 11).

Sassatelli (2007) diz que os produtos funcionam como um sistema de comunicação não-verbal e são colocados em uso para marcar as fronteiras sociais e culturais.

A partir dessa perspectiva de distinção dos indivíduos e grupos a partir do consumo de bens, Slater (2002, p. 147) comenta que “os bens e os rituais tornam a ordem social tanto visível quanto eficiente: de certo modo, os tipos de consumo são como um mapa da ordem social, com o qual é possível identificar as classificações e categorias que a constituem”. Ou seja, o fluxo de bens através dos rituais de consumo mapeia e consolida as redes complexas das relações sociais.

Os rituais de consumo, assim como as convenções de uso, consolidam os significados sociais dos bens e instituem definições públicas visíveis (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2002). O ritual é um tipo de ação social na qual há a manipulação de significado cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual (MCCRACKEN, 2007). Dessa forma, o ritual é uma poderosa ferramenta de transferência de significado do consumidor para o bem. Rook (2007, p. 83) define ritual nos seguintes termos:

O termo ritual refere-se a um tipo de atividade expressiva e simbólica construída de múltiplos comportamentos que se dão numa sequência fixa e episódica e tendem a se repetir com o passar do tempo. O comportamento ritual roteirizado é representado dramaticamente e realizado com formalidade, seriedade e intensidade interna.

Para se constituir um ritual, é necessária a verificação de certos elementos. De acordo com Rook (2007), esses seriam quatro: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes e audiência (platéia). Todavia, há um elemento de grande importância para a caracterização do ritual advindo da sua própria definição, que é a repetição.

O primeiro elemento, qual seja artefatos simbólicos, determina que todo ritual requer a utilização de objetos impregnados de significados simbólicos. O roteiro determina que as ações na experiência ritualística devem ser programadas e sistematizadas, tendo necessariamente um começo, meio e o fim desejado. Rejeita-se aqui a ideia de improvisação. Em uma missa, por exemplo, o momento da consagração ocorre depois da leitura do evangelho, e nunca ao contrário (ROOK, 2007).

O terceiro elemento diz respeito à participação de várias pessoas no ritual (tanto aquelas que representam os papéis principais dentro do rito quanto aquelas que somente assistem), sendo que o roteiro de um ritual é realizado por pessoas que ocupam diversos papéis rituais, ou seja, os papéis dos agentes são roteirizados. Em um casamento, por exemplo, é sempre o pai que entra com a noiva, aliás é a noiva que se dirige ao noivo e não o contrário (ROOK, 2007).

O quarto elemento refere-se à existência de audiência, ou seja, de outras pessoas, mesmo sendo apenas expectadoras e não participantes diretas do ritual, que o reconheçam como tal (ROOK, 2007).

A repetição, que é o último elemento, trata da sequência de eventos que ocorre várias vezes ao longo do tempo (ROOK, 2007).

A lista de rituais relacionada ao consumo é grande. Ela inclui diferentes tipos de rituais tais como ritos de passagem (por exemplo, casamentos, chás de bebês, funerais, baile de debutantes), cerimônias religiosas e feriados (por exemplo, Natal e Dia de Ação de Graças no EUA), atividades familiares (por exemplo, assistir à televisão em determinados horários, como os telejornais ou as novelas, férias de verão e almoço de domingo) e rituais públicos em grande escala (cantar o hino nacional e assistir a desfiles e eventos esportivos, como as Olimpíadas e a Copa do Mundo) (MOWEN; MINOR, 2003).

O baile de debutantes enquadra-se como “rito de passagem”. Este é usado para mover o indivíduo de uma categoria cultural de pessoa para outra, e deste modo um conjunto de simbolismos são abandonados, enquanto outros são apropriados (MCCRACKEN, 2007). “Os grandes ritos de passagem, como formaturas e casamentos, marcam importantes transições de *status* social e estimulam grande envolvimento psicológico e forte ansiedade” (ROOK, 2007, p. 83). O baile de debutantes é um mecanismo simbólico para refletir a mudança

permanente da infância para a adolescência para as mulheres jovens (ESCALAS, 1993).

No Brasil, o baile de debutantes é comumente conhecido como “festa de 15 anos”. A passagem da infância para a adolescência é marcada pela puberdade física. “Nas moças a puberdade física é marcada pelo entumescimento dos seios, o alargamento da bacia, o aparecimento de pelos no púbis e sobretudo pelo primeiro fluxo menstrual”(GENNEP, 2011, p. 72). Parece, portanto, simples datar desse momento a passagem da infância para a adolescência. Como a maioria das meninas tem sua primeira menstruação até os 15 anos, entende-se o porquê da festa acontecer nessa idade.

2 O VESTIDO COMO ARTEFATO SIMBÓLICO

Analisando dentre os quatro componentes para experiências rituais: artefatos simbólicos, roteiro, papéis dos agentes e audiência propostos por Rook (2007) com maior ênfase os artefatos simbólicos tem-se que estes, quando no contexto ritualístico, comunicam mensagens simbólicas específicas que integram o significado da experiência como um todo. Servem, também e mais genericamente, como símbolos rituais na forma mitológica de caracteres, ícones, logomarcas ou cores significativas. Além disso, os artefatos rituais muitas vezes assumem a forma de produtos de consumo que acompanham um ambiente ritual ou são nele consumidos (ROOK, 2007), como o vestido de noiva e a aliança em um casamento.

O artefato simbólico principal para o baile de debutantes é o vestido longo, normalmente branco ou de cor clara, simbolizando a pureza da menina entrando na vida adulta e a interação com o sexo oposto pela primeira vez (ESCALAS, 1993). Pode-se mencionar vários outros artefatos, como a valsa, a joia, as quinze velas, entre outros que compõem este ritual, mas o vestido é o que recebe maior destaque.

Em muitas culturas, aspectos como impecável e imaculado associados ao branco se relacionam com virgens e divindades. A cultura ocidental de usar um vestido de casamento branco tem origens clássicas: virgens em Roma usavam branco para simbolizar sua inocência, sabedoria e pureza (ESCALAS, 1993). Segundo John Harvey (2003), o branco é a cor de Cristo radiantemente transfigurado, e é igualmente a cor dos trajes de casamento que representa *nuptiale gaudio*, a alegria do casamento simbolizando ora a fé, ora a humildade, tornando-se

símbolo de pureza. O branco já perdeu esse significado de pureza, mas continua a ser a imagem do asseio e é usado por médicos e por enfermeiras. Com conotação de inocência, e símbolo da virgindade, brancos foram também, durante todo um século, os vestidos do batismo e da primeira comunhão (JOHN HARVEY, 2003).

Quanto à cerimônia do baile de debutantes e ao uso do vestido branco, foi a rainha Vitória que deu a sua forma, com as meninas vestidas de branco e o arco oficial chamado de “reverência” o que se manteve até a década de 90 (ESCALAS, 1993). Na época vitoriana (século XIX), as jovens eram mantidas reclusas em casa até a idade de 18 anos. Sua apresentação à sociedade significava que elas foram formalmente autorizadas a serem vistas em público e com um homem (ESCALAS, 1993).

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo foi escolhida a metodologia qualitativa, que é a metodologia indicada ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2007). Nesse sentido, fica claro que a melhor forma de se estudar os rituais de consumo bem como seus artefatos simbólicos é por meio da pesquisa qualitativa.

A pesquisa é descritiva, na medida em que se buscará compreender os artefatos simbólicos, componentes da definição de ritual e presentes no consumo ritualístico dos bailes de debutantes a partir da história oral das aniversariantes. O corte temporal da coleta é transversal, pois se limita a um período específico. A análise, por sua vez, também foi transversal.

A coleta de dados foi baseada nos três níveis de interpretação dos símbolos rituais propostos por Victor Turner (1974). Estes são: (1) Exegético, (2) Operacional e (3) Posicional.

De 1965 a 1974, Victor Turner dedicou-se a escrever e publicar seus livros sobre os rituais Ndembu, fornecendo amplo material nos três níveis de interpretação que ele havia proposto para o estudo dos símbolos rituais, isto é, (1) o nível exegético que é aquele suprido pelos nativos e que contempla dados sobre o nome, as características físicas e biológicas e a construção do objeto cultural; (2) o nível

operacional, aquele derivado do uso dos símbolos e da composição social dos grupos que realizam o ritual; e (3) o nível posicional que é a consequência da relação entre diferentes símbolos de vários rituais ou entre símbolos de um mesmo ritual (PEIRANO, 1995).

A partir desses três níveis, sugere-se três métodos correspondentes para a coleta de dados. O nível exegético foca nos nativos e suas características, portanto a história oral é o método mais adequado para a busca dessas informações, já que proporciona uma estratégia válida para a compreensão de acontecimentos ou conjunturas a partir do discurso dos atores ou das testemunhas envolvidas nos eventos que se busca estudar (ALBERTI, 2004).

O nível operacional procura entender o uso dos símbolos e a composição social, isso é melhor evidenciado pelo método da análise documental. Isso porque as fotos, os convites, os diários e outros documentos serão extremamente importantes para a compreensão simbólica e social do ritual (ALBERTI, 2004).

Quanto ao nível posicional, este busca a interação dos símbolos com o ritual em si bem como a de seus atores. Para esse nível, o melhor método é o da observação participante. Esse método contribui para a construção da própria realidade que se busca analisar, realidade essa que já é resultado de processos de construção social antes de ser observada (FLICK, 2004). Assim, a observação participante permitiu analisar o evento em um ambiente específico, as atividades de uma pessoa específica e a interação concreta de várias pessoas em conjunto.

A coleta de dados foi realizada no período de outubro de 2013 a janeiro de 2014 e, como dito, se deu em três métodos: entrevista (História Oral), observação participante e análise documental. No total foram realizadas 26 entrevistas, sendo duas entrevistas com seis debutantes (três de Maringá-PR e três de São Sebastião do Paraíso-MG), um total de doze, e 14 entrevistas com as pessoas indicadas pelas aniversariantes como fortes influenciadoras para a realização do baile.

Quadro 1: Perfil das debutantes entrevistadas

Debutantes	Idade	Ano da Festa	Localidade
E1	15 anos	2013	S. Seb. Paraíso – MG
E2	15 anos	2013	S. Seb. Paraíso – MG
E3	16 anos	2011	S. Seb. Paraíso – MG
E4	15 anos	2013	Maringá – PR
E5	15 anos	2013	Maringá – PR

E6	15 anos	2013	Maringá – PR
----	---------	------	--------------

Fonte: Autoras do trabalho.

Foram feitas duas observações participantes: uma em São Sebastião do Paraíso-MG e outra em Maringá-PR. Além da observação foram feitas entrevistas com as debutantes e as mães dessas. Isso porque as observações auxiliaram na melhor compreensão do baile, inclusive com pontos divergentes entre o discurso das entrevistadas e o que foi efetivamente observado, como por exemplo, a reação dos convidados. A coleta de dados ocorreu em duas cidades para identificação de possíveis diferenças nos bailes considerando que uma das cidades é antiga (com mais de 100 anos), de porte pequeno e localizada na região sudeste (São Sebastião do Paraíso-MG) e a outra é uma cidade com menos de (70 anos), de médio porte e localizada na região sul do Brasil (Maringá-PR).

A análise documental compreendeu fotos e vídeos das observações, álbuns de fotografia, DVDs da festa disponibilizados pelas entrevistadas, convites, acessórios da festa como almofadas, livros/quadros de recados, lembrancinhas, entre outros.

Para o tratamento e interpretação dos dados foi usado o método de análise de conteúdo, sendo que foi feita a Triangulação e Reflexividade dos dados obtidos como critério para validade e confiabilidade (BAUER; GASKELL, 2008).

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

A questão do vestido na festa de 15 anos trata de um dos artefatos simbólicos mais importantes, isso porque foi citado por todos os entrevistados. Isso é tão evidente que as cores dos vestidos são as mesmas da decoração do evento, ou seja, o vestido introduz a debutante ao baile a partir do momento em que a integra a todo o arranjo da festa. Aqui se percebe como o consumo delinea culturalmente a sociedade, haja vista que a partir dele você se diferencia do outro e, paradoxalmente, se associa a um grupo, pois ao utilizar um vestido da mesma cor da decoração a debutante se diferencia da vestimenta dos demais convidados e ao fato da combinação cor do vestido e decoração do baile se repetir entre as debutantes, confere um sentido de pertencimento ao grupo de debutantes.

Quando a debutante escolhe a cor do vestido, ela busca se diferenciar das outras festas e convidados, para que seu momento seja único e particular. No

entanto, ao buscar a cor perfeita que orne sua decoração ao seu vestido, a debutante age como todas as outras, seguindo aqueles mesmos padrões ritualísticos.

Quanto ao vestido da debutante ao longo dos anos, é importante mencionar como ele está diferente daquele usado nos bailes desde o século XIX até a década de 90. Esses vestidos eram brancos e compridos a fim de indicarem a “pureza”, a virgindade daquela menina que pela primeira vez teria contato com o sexo oposto (ESCALAS, 1993). Isso pôde ser verificado no discurso da avó da E1, a pessoa mais velha entrevistada. Quando questionada quanto às mudanças das festas no decorrer dos anos, ela diz: *“Aqueles vestidos (se referindo à vestimenta das debutantes) pareciam de noiva, uma coisa assim”*. Hoje, se usa no mínimo dois vestidos e a conotação é outra.

Os vestidos atualmente dizem respeito ao crescimento da jovem no decorrer das fases da festa. Conforme notado nas entrevistas o primeiro vestido (exemplo Figura 1), usado para recepcionar os convidados, representa a meiguice, a infantilidade da jovem. Tanto é que ele tem cores mais alegres e fortes e não é muito decotado.

O segundo vestido (exemplo na Figura 2), que é usado no cerimonial, principalmente no momento da valsa, representa o amadurecimento da menina, por isso ele sempre é longo. O terceiro vestido (exemplo na Figura 3) é considerado o da “balada”. É aquele mais curto, com muito brilho. Isso denota a liberdade que a jovem passa a ter, pois agora, após passar pelo cerimonial, ela não é mais uma menina.

Figura 1: Primeiro vestido de E4



Fonte: Autoras do trabalho.

Figura 2: Segundo vestido de E3



Fonte: Autoras do trabalho.

Figura 3: Terceiro vestido de E4



Fonte: Autoras do trabalho.

Essa demarcação entre as fases da festa e os vestidos é expressiva, tendo em vista que das seis debutantes entrevistadas, apenas a E1 teve dois vestidos. Todas as outras usaram três vestidos.

Nos bailes de debutantes das gerações anteriores à da debutante e que estavam presentes no baile, conforme discursos dos entrevistados, as jovens usavam o mesmo vestido, que era muito parecido com o aquele usado pela noiva no casamento. Com os anos, as debutantes passaram a usar dois vestidos, um que representava a debutante enquanto menina e outro que representava o seu amadurecimento. Hoje o terceiro vestido traz consigo a ideia de liberdade, justamente por ser mais despojado e curto. Uma interpretação é a de que a sociedade mudou e hoje a mulher não tem como único objetivo um bom casamento, busca-se a liberdade feminina, tão procurada pelas feministas nos séculos passados.

Além dos vestidos das debutantes, existem os vestidos das meninas que compõem os quinze casais ou que dançam a coreografia com as aniversariantes. Os vestidos são encomendados e são exatamente os mesmos. Nesse ponto, além do artefato simbólico, é possível notar a questão da audiência. Os convidados consomem a festa, mas também são consumidos por ela, tanto é que ajudam na decoração, como é o caso dessas meninas que usam o mesmo vestido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos indicaram que os bailes são ainda vistos como rito de passagem, no entanto houve uma ressignificação devido às mudanças que ocorreram na sociedade. Antes, o baile tinha como significado apresentar a jovem à sociedade tendo como fim um bom casamento. Hoje, as mulheres se casam mais tarde ou então não se casam, e o foco da sociedade é o sucesso profissional de ambos os gêneros. A mudança primordial na vida das jovens após o baile é a forma como as pessoas que participaram da festa passam a ver essa que antes era vista como menina e que está se transformando em mulher. Mulher não no sentido de estar pronta para casar e sim uma mulher que está se preparando para assumir os papéis da mulher contemporânea, que trabalha, namora, se diverte. Essa mudança de significado é visível quando se analisa o vestido, que antes era branco simbolizando a “pureza” da jovem e hoje, com a troca dos vestidos, diz respeito ao crescimento da jovem no decorrer das fases da festa.

Outra questão a ser abordada a respeito do consumo ritualístico dos bailes e que é pungente trata-se da busca pelo *status* com a realização do evento. Fato que pode ser confirmado pelo próprio aumento de gastos e ostentação decorrentes do aumento do número de vestidos usados durante a festa que passou do uso de um vestido para o uso de três vestidos.

Como limitações do estudo menciona-se é que este não se preocupou com a classe social das debutantes entrevistadas e sim somente com o fato de terem realizado o ritual do baile. Isso pode representar a realidade de apenas uma parcela da população que possui recursos e está disposta a gastá-lo com o baile de debutantes. Além disso, foram pesquisadas somente os bailes de duas cidades brasileiras, o que não permite afirmar que esta prática seja a mesma nas diferentes regiões do país.

Sugere-se, pois, novas pesquisas que investiguem quais são os tipos de vestido usados por debutantes de diferentes classes sociais e qual o significado deste artefato simbólico nessas diferentes classes sociais. Também sugere-se que em futuras pesquisas sejam entrevistados os convidados jovens amigos da debutante e do gênero masculino para identificar qual a percepção destes sobre o significado deste ritual “baile de debutantes”.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **The world of goods: towards an anthropology of consumption**. London and New York: Routledge, 2002.
- ESCALAS, Jennifer Edson. The Consumption of Insignificant Rituals: A Look At Debutante Balls. In: Advances in Consumer Research Volume 20, eds. Leigh McAlister and Michael L. Rothschild, **Advances in Consumer Research**, Volume 20 : Association for Consumer Research, Pages: 709-716, 1993.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GENNEP, A. Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HARVEY, John. **Homens de Preto**. São Paulo: Unesp, 2003.
- MCCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**. São Paulo: Mauad, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOWEN, John C.; MINOR, Michael S. **Comportamento do consumidor**. Tradução Verda Jordan. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2003.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- ROOK, Dennis W. **Dimensão cultural do comportamento de consumo**. RAE, jan./mar. 2007.
- SASSATELLI, R. **Consumer culture: history, theory and politics**. USA: Sage, 2007.
- SCHOUTEN, J.W; MACALEXANDER, J.H. Subcultures of consumption: an ethnography of the new bikers. **Journal of consumer research**, 1995.
- SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. Trad. de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.
- TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.